

BRASIL-PORTUGAL

Celso Maria de Mello Pupo.

Ó que saudades tenho eu de Porgugal!

Daquêle Portugal que meus olhos não viram; daquêle Portugal de terras que desconheço; daquêle Portugal que não me deu seus frutos a provar e suas belezas para me extasiar a vista nos encantos de sua natureza; daquêle Portugal precioso nas suas tradições, nos seus monumentos, nos seus castelos, nas suas quintas e aldeias; daquêle Portugal que por todos os quadrantes criou um mundo seu, que marcou com o símbolo cristão as mais logínquas terras do universo, e que espelhou no solo brasileiro, o cruzeiro do sul.

Saudade, sempre saudade, que se alonga pela história desde o berço gentil de Guimarães, onde desabrochou a juvenil figura de um fundador do Reino; onde se agigantou a figura cavalheiresca de herói de braço hercúleo e coração português, de vontade férrea forjada naquela alcáçova gigantesca das sete torres, para, de um condado, por força de seus filhos, fazer germinar a pátria lusitana conquistadora do mundo. São sonhos meus que me povoam a fantasia numa saudade atávica, numa memória de gerações que se vêm multiplicando ha quatro séculos de vida brasileira, a repetir sempre com o poeta: "saudade e cheia de graça, / alegria em dor difusa, / doença da minha raça, / pranto que a guitarra lusa / em seu exílio verteu... / Ó ! quem sentir-te não hade / se foi dentro da saudade / que a minha pátria nasceu." (Menotti).

Somos de sangue lusitano e vamos buscar nossa origem na velha província ibérica caracterizada pelo povo de pugnacidade, aventura desbravadora, mareante de adiantada ciência e coração profundamente generoso, destacado pelo pendamento arguto, sentimental, romântico, sempre poeta do viver, sempre poeta do falar ou poeta das letras; e foi esta gente que, por mercê de Deus, estendeu a nação portuguesa pelas terras do pau de tinta.

Abram-se os arquivos e leiam-se os alfarrábios neste São Paulo que tem sido dos melhores guardiães desta especialidade pesquisadora, e tenha-se a prova de que o sangue português predominou e dominou, e absorve hoje os demais que vêm gotejando até as gerações contemporâneas. Assim, fomos portugueses no século quinze quando os navegadores esclarecidos com a ciência de Sagres, nos visitaram antes mesmo da descoberta oficial de 1.500; continuamos portugueses pelos séculos dezesseis a vinte, transpondo a data que politicamente nos fez entrar na maioridade. Em todos os tempos, nunca cessou para o Brasil, a vinda da gente portuguesa do continente europeu.

De que sangue eram figuras que hoje gloriamos apresentando-as à juventude como exemplos de caráter e de inteligência? Diz o português de Portugal, Latino Coelho, que "talentos "formosos haviam tido o seu berço no Brasil", e relembra os nomes do poeta Perei-

ra Cãldas; de Antônio de Moraes e Silva; de Hipólito da Costa; do primeiro economista português Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho; do Marquês de Paranaguá; do Marquês de Baependi; de Vicente Coelho de Seabra; de Frei José Mariano da Conceição Veloso, botânico com valiosos trabalhos como sua "Flora Fluminense"; e de outros, terminando uma relação honrosa para nós brasileiros, com o nome de José Bonifácio de Andrada e Silva.

Mas, não só Latino Coelho admirou a inteligência da gente do Brasil, quando podemos relembrar o juízo primoroso de Júlio Dantas, apreciando brasileiros pelo seu apego à terranossa. Julgou ele, com talento e erudição, elevando-nos, portugueses do Brasil, lembrando e analtecendo artistas, cantando louvores a brilhos nossos, compondo nas louçanias de sua pena magnífica, hinos de glorificação a gênios do sangue português que floriram na exuberância da natureza brasilica. Apaixionado pela redondilha, alinha dois autores que classifica de mestres, Antônio Correia de Oliveira, de Portugal, e Catulo da Paixão Cearense, do Brasil, transcrevendo:

do primeiro: "Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente,
Um a sentir quando bate
Outro a bater quando sente".

Do segundo, Catulo, de quem diz, "caboclo que canta a floresta em églogas sessumantes, saborosas, doiradas e selvagnes, repete:

"O s pezinhos da caboca,
Quando dansava o baião,
Parecia dois pombinho
A mariscá pelo chão!"

Dizendo de Antônio Austragésilo não saber mais que admirar, "se o homem de ciência, sempre criador, sempre pessoal, se o escritor vascular e poderoso que tão dextramente maneja a lígua portuguesa", classifica Martins Fontes como o "arqui-parnasiano deslumbrado de cor, de ritmo e de som", e recorda "Poemas e Sonetos do esplêndido Ronald de Carvalho, o Bosque Sagrado do vernáculo ElLeal de Sousa", as páginas veementes desse lírico excepcional que é Menoti del Pichia", "os poematos de Olegário Mariano" e "A Dansa das Horas do encantador artista Guilherme de Almeida", para finalizar exclamando: "que consoladora é para nós a certeza de que" "a lígua portuguesa viverá, resplenderá, perdurará, sagrada e eterna, como órgão de pensamento de uma das maiores nações do mundo!".

E o segue, Afonso Lopes Vieira:

"Ó Portuguesa Língua, quando um dia,
Floresceste em rústicos cantares,
Quem te dira que, por sobre os mares,
Com tua alma o teu gênio cesceria!

~~Soeu na Terra a tua melodia.~~

Sou na terra a tua melodia.
E pelo orbe criou Nações e Lares;
Com teu ritmo de impulsos e vagares
Foste laços de pobos e harmonias

Mas ó Língua sagrada e Mãe gentil,
Tua glória maior de peregrina
E missionária donde o gênio Flui,

Tu a criaste na terra do Brasil
Depois que o Padre Vieira ensina
O seu aluno mais preclaro - RUY.

Assim, Portugal é o nosso mestre, e sua história literária teve, em Olavo Bilac, quem a resumisse com excelso talento e beleza incomparável:

"A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete séculos. Vejo-o, trêmulo ~~fi~~ fio de água, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbárie brava e intonsa, desordenadamente vigando sobre as ruínas dos templos da civilização romana devastada: - os primeiros trovadores portugueses, as lenda medievais", "onde transluzem as grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a fúria e o lirismo, o desinteresse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores ... Logo depois, ~~engrossado~~ engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergástulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha líquida o infinito azul do céu. É a era clássica: tres séculos de fecundidade e magnificiência: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. Às margens do curso risinho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo desliza a corrente fresca, ressoa; cornamusas e charamelas enfeitam o ar com a sua harmonia ingênua: povoam-se oss prados de bucolistas, de novelistas da Cavalaria, de rimadores de pastorais. É a idade da graça e da inocência, a primavera da língua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e magestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para a próxima crise. É o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; sugem os autos e as farças; e Sá de ~~Miranda~~ Miranda, Ferreira e a Plêiada dão sangue e fibra ao idioma já ~~fe~~ feito. E ei-la, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se e escava-se. E a massa formidável das

águas eleva-se, roda no ar, cascadeia em rebojos rutilantes, precipita-se em mós atreadoras, ganha o espaço em saltos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices e reboa, e desaba, e cai, no auge da força, no supremo poder do sangue e do gênio: é Camões que enche o século".

"Em rugidos, em remoinhos, em vórtices", "no auge da força!" as águas soberbas da literatura lusa, trasvasaram, espalhando-se pelo mundo português de todos os continentes, e num amplexo amoroso, ~~fraternal~~ fraternal, sincero, jungiram-nos a eles, ilustrando-nos. E o mundo ~~luso~~ luso, da Europa e da América, unindo nos cantares de uma literatura, é o mesmo em beleza e em arte; é o mesmo num extravasar literário de arrebatamento e candura, cheio de lirismo, lirismo bem português, lirismo bem brasileiro, lirismo do fundo da alma romântica do latino, luz brilhante de fazes áureas, duradouras e indestrutíveis, que vencem e triunfam porque nascem do coração; que se alongam pelo tempo, que se eternizam para a contemplação estasiada do sentir humano, num requinte de bom gosto, onde as coisas do espírito se enfloram com poetas de cá e de lá, que dissipam lantejoulas do seu talento, descrevendo a vida em harmonias líricas, como soube fazer João de Deus:

"A vida é o dia de hoje,
A vida é um ai que mal sôa,
A vida é nuvem que vôa,
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve,
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai!"

Se lá sublimam a poesia, alcandorando o versejar sublime e espontâneo de uma alma de poeta, de cá, do nosso lado, gemidos lacrimosos de um precipitar de vida, expandem-se em mimosas rimas:

"Deixa-me, deixa-me fonte!
Dizia a flor a chorar:
Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar."

"Adeus sombras das ramadas,
Cantigas do rouxinol;
Ai, festas das madrugadas,
Doçuras do por do sol". (Vicente de Carvalho).

Nestes lindos cantares, está o lindo romantismo da raça, da raça que para sua elevação, para seu engrandecimento, tem amor vivo no coração. E assim, para a sua vida "folha que cai"; para a sua vida "sonho tão leve que se ~~faz~~ desfaz como a neve"; para ~~xxxxxxx~~ a sua vida que se finda caminhando para o mar com adeua às "sombras das ramadas" e às "cantigas do rouxinol", está um coração amoroso, adoçando,

amenizando, aplainando o caminho. E nós o possuímos, nós o herdamos do ninho de sonhos que Afonso Henrique instituiu em reino, e ele nos embala nos balsâmicos beijos da saudade e do afeto, da delicadeza e do amor, amor cantado em lira de dourados sonhos:

"É o amor coração, é o amor sentimento."

"Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora:

Em sendo triste, canta; em sendo alegre, chora!

O amor simplicidade, o amor delicadeza...

Ai, como sabe amar, a gente portuguesa!" (Júlio Dantas).